

os pioneiros onofre quinan



Para o político e o empresário "não há crise que resista ao trabalho".

Era uma vez dez irmãos. Era uma vez um sonho de América. Numa pequena aldeia do Líbano, princípio do século, os Quinan, como milhares de outros patrícios, sonham com um mundo novo e melhor. Os caminhos são muitos, os países também. Uma das irmãs vai para os Estados Unidos. Um dos irmãos vem para o Brasil. São duas rotas de futuro. O Quinan que chega ao Brasil vai morar em Goiás — terra sem fim, boca de sertão, sertão mesmo, chão a se perder de vista na distância, vida a se ganhar na luta.

Malas às costas, pé na estrada, tudo é comércio para o mascate. Com o pouco dinheiro ganho, consegue trazer para Goiás um segundo irmão. Malas às costas, pés nas estradas, tudo é comércio para os mascates. Com o pouco dinheiro ganho conseguem trazer para Goiás um terceiro irmão. E assim, em poucos anos, nove Quinans se reúnem na mesma e nova família da aldeia do Líbano e das cidadezinhas de Goiás.

Os tempos são difíceis e a necessidade dita as opções de trabalho. Vocação é luxo quando se precisa ganhar o pão nosso do dia a dia. O comércio está no sangue. A ordem é comprar e vender. A pé, em lombo de burro ou mesmo de barco, Araguaia acima, Araguaia abaixo, numa terra onde estrada é rio.

Antonio José é um dos primeiros irmãos Quinan a chegar do Líbano. Vem de vapor, como se diz na época. Desce em Santos, já com traçado e destino certo. Até Ribeirão Preto, em São Paulo, vai por estrada de ferro. Depois, do jeito que der. Em Ribeirão já vive uma pequena comunidade árabe. É pouso de referência. O primeiro destino em Goiás é Catalão, núcleo de muitos patrícios, aprendizado da terra nova. É para lá que vai Antonio José, começar

os pioneiros

sua vida de goiano.

No início, mala às costas, a freguesia se forma até onde os pés alcançam. O passo seguinte aumenta o raio de ação. Mercadorias nas cangalhas dos burros, o mascate vira tropeiro — compra e vende na ida e na volta. Leva de tudo e traz de tudo. Goiás é muito grande, mas a vontade de prosperar é ainda maior. A necessidade de ganho aumenta quando aumenta a família e aumentam as responsabilidades.

Jandira Bretas, moça goiana de gentes vindas das Minas Gerais entra, pelas mãos de Antonio José, na família Quinan e na comunidade árabe da região. Embora de temperamentos muito diferentes — ele bonachão e ela severa — a assimilação cultural é rápida e fácil. As comidas árabes são aprendizado simples. Com o pai quase sempre ganhando a vida nas estradas, a casa fica sob cuidados exclusivos da mãe. Os filhos que chegam são criados por ela: comem quibe e conversam em português. Nenhum aprende a falar em árabe.

São tempos de vida difícil, mesmo para aqueles que já têm alguns recursos. Quatro dos filhos morrem ainda crianças. Outros cinco se criam.

Em 1939, Antonio José compra um caminhão. O trabalho é o mesmo, mas o progresso é enorme. Antes já havia se estabelecido com loja, porém os melhores negócios acenam de longe para os que têm tino e vontade de trabalhar. A construção da Estrada de Ferro em Goiás traz o roteiro do progresso. Lugar bom para se ganhar dinheiro é onde o trem está chegando ou vai chegar. Cada nova estação traz um surto de prosperidade que deve ser aproveitado. Assim a família segue, ou se antecipa aos trilhos do trem. Os filhos nascem em diferentes cidades: Araguari, Vianópolis, Ipameri, Anápolis. Cada mudança traz um pouco mais



Antonio José



Jandira

onofre quinan



Casa Violeta, a loja de Anápolis.



De Goiás, a empresa se expande para S.Paulo e Minas.

de progresso. Em muitas empreitadas os irmãos trabalham juntos. Na Revolução de 30, em Viánópolis, a família atravessa uma noite de terror defendendo a loja contra um bando de soldados que queriam saqueá-la. Tranca, cadeira, armário e muita coragem salvam o patrimônio familiar.

Trabalho à parte, a diversão maior é um carreado — qual o patricio que não gosta? — e uma boa pescaria. Pescaria com “anzol de turco” como é hábito se chamar na época. “Anzol de Turco” é uma bomba jogada dentro do rio. Depois é só saber nadar bem, mergulhar fundo e apanhar os peixes. Antonio José é mestre nestas bombásticas pescarias.

Em Anápolis a família se assenta. Antonio José, com um primo e um irmão, monta a Casa Violeta — armazém de secos e molhados, onde se vende de tudo. Três filhos vão estudar em centros mais adiantados. Um se formará em Odontologia e os outros em Medicina. Dos filhos de Antonio José Quinan, o que segue mais de perto sua vida de comerciante é Onofre Quinan. Aos 14 anos aprende a guiar o caminhão do pai. Na Casa Violeta, a arte de comerciar. Com os tios e primos convive com o mercado de cereais. Todos, a seu tempo, trabalharam com máquinas de beneficiamento de arroz. Como não há eletricidade, o vapor estacionário, movido a lenha, aciona as correias e engrenagens.

Em 49, a geração pioneira resolve desativar a loja. Onofre tenta uma incursão comercial a Ceres, cidade nova fundada por Bernardo Sayão. Não tem sucesso e volta a Anápolis. Um primo o convida a montar loja em Uberlândia. Onofre pondera a possibilidade de se reabrir a tradicional Casa Violeta. A 15 de junho de 1950 está fundada a Quinan & Cia. Ltda.

O armazém vende de tudo: artigos para a lavoura, material de construção, mantimentos e



Lydia e Onofre Quinan.

até gasolina. Na calçada, em frente à loja, uma bomba solitária abastece os carros e caminhões da cidade com a conhecida gasolina Energina, marca pertencente à Shell. A partir de 56, nos fundos da loja, se instala um pequeno depósito de gás engarrafado, com certeza o menos lucrativo dos negócios da família. As longas distâncias e a precariedade das estradas fazem do transporte dos botijões uma permanente aventura. Quando o caminhão atrasa, a briga é geral. Fregueses insatisfeitos reclamam na porta da loja. O primo, sócio da firma, chega a negociar a representação com outro comerciante local. Quando Onofre sabe, vai lá e desmancha o acordo. Atitude perfeitamente insensata, como ele mesmo reconhece até hoje. Para a Quinan & Cia., o gás não é um mau negócio — é péssimo. Só por intuição de Onofre, ou extrema teimosia, a Casa Violeta continua a revender gás.

Em 1959, num momento em que Onofre está pensando em se mudar para a nova, fervilhante e próxima Brasília, o primo decide vender sua parte na loja. Onofre, que está querendo vender a sua parte, acaba comprando a totalidade do negócio, em sociedade com João, seu irmão dentista. É tempo de dizer que, desde o colégio, o jovem comerciante tem uma grande paixão paralela: a política. Onofre fez a campanha de "O Petróleo é Nosso", participou de reuniões de partidos políticos por vários anos e supriu com vivência e observação os ensinamentos de um curso superior de economia que nunca chegou a completar.

Para continuar mantendo o negócio do gás, Onofre luta muito e acaba conseguindo uma licença para engarrafamento. Aí começa outra briga muito maior. Ele mesmo conta:

Naquela época, nossa companhia foi a única que iniciou sua operação comprando tanques

estacionários de 60 toneladas e carretas de 36 metros cúbicos — equipamentos até hoje atualizados. Os tanques vazios pesavam 40 toneladas. As carretas carregadas, com o cavalo mecânico, outras 40. Na época, a ponte que ligava Minas a Goiás, comportava um peso máximo de 24 toneladas. Impasse total. Nem tanque nem carreta podiam passar pela ponte... As estradas de ferro Paulista e Mogiana se recusaram a transportar o tanque - com 21 metros de comprimento ele não passaria nas curvas dentro dos cortes de aterros. A solução seria cortar o tanque ao meio, para ser novamente soldado em Anápolis. Mas ele veio por rodovia, de Taubaté a Araguari, onde a Estrada de Ferro Goiás conseguiu transportá-lo até seu destino.

A chegada do tanque é uma festa na cidade. Em parte, pelas peripécias da viagem, em parte, pelo tamanho do objeto. Por um bom tempo a estação ferroviária transforma-se na maior atração de Anápolis.

Resolvido o caso do tanque, fica a questão do transporte do gás a granel. Tenta-se novamente a solução ferroviária, desta vez na forma de um autotrem. Não dá certo. A composição tomba perto da cidade de Roncador. Onofre Quinan recorda a operação de salvamento:

— Para descarregar a carreta tombada, é facilitar o erguimento dela e do autotrem, levamos para o local um conjunto gerador, várias balanças, bomba com motor, e improvisamos um engarrafamento. Conseguimos retirar da carreta, engarrafando no local, até o último quilo de gás.

As dificuldades não param por aí. Mais tarde, já com aproximadamente 10 mil consumidores, o fornecimento de gás enfrentará novos problemas. A queda de uma ponte obriga o transporte do gás a granel, durante um ano, a se-

guir o trajeto São Paulo - Belo Horizonte - Anápolis, praticamente duplicando o percurso das carretas. Neste aspecto, Onofre Quinan é incisivo:

— Meu primo, sócio na Casa Violeta, tinha toda razão. A Onogás só nasceu e cresceu por uma questão de amor próprio, disposição de briga e milagre.

Em 1959 morreu Antonio José, Pai muito querido, que nunca bateu num filho. Pai a quem os filhos, querendo demonstrar gratidão, cometeram a única ingratidão de amor: oferecer todas as condições para que ele não mais precisasse trabalhar. Não era bem o que ele queria.

As andanças a pé, de barco, de mula e de caminhão, marcaram a vontade de fazer e trabalhar como um hábito de vida. Levou com ele um tempo e um país que não existem mais — lugares onde a vontade de um homem podia enfrentar quaisquer desafios. Tudo estava para ser construído e as maiores dificuldades eram apenas obstáculos a serem transpostos, para que se enfrentassem e se vencessem novas e ainda mais difíceis provas. Tarefa de vida de Antonio José, transmitida em exemplo para os filhos.

Ao mesmo tempo em que prosperava como empresário e comerciante, Onofre Quinan nunca deixou a atuação política. Na década de 70 é Secretário de Governo da Prefeitura de Anápolis. Opositor do regime implantado em 64, traça sua carreira na oposição. Em 81 pretende se candidatar a Deputado Federal, com todas as possibilidades de vir a ser eleito. Por questões de conciliação interna do PMDB de Goiás, acaba sendo candidato a Vice-Governador. Eleito, assume o Governo do Estado quando Iris Resende é nomeado Ministro da Agricultura, completando o seu mandato. Para a atividade pública levou sua experiência de comerciante e de empresário. Se alguém perguntar a Ono-

fre Quinan se deixou a política de vez, sua resposta, mais do que goiana, é bem mineira:

— O político nunca deixa a política. A política é que deixa o político...

Ou seja, a qualquer hora ela pode de novo bater à porta. E será bem-vinda.

O final da história, quem conta é o próprio Quinan:

— Iniciamos nossa atividade com muita luta e muitas dificuldades, porém, passados 37 anos de nossa fundação, o Grupo Onogás tem a gratificação de ser uma das maiores empresas fora do eixo Rio — São Paulo, possuindo uma rede de 41 lojas de móveis e eletrodomésticos, cinco engarrafadoras de gás montadas e completando a sexta no Distrito Federal. Além dessas atividades, o Grupo atua também nos ramos da informática, agropecuária e transporte.

O grupo Onogás chega a 1987 com 3 mil funcionários operando nos Estados de Goiás, São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais, Maranhão e Pará.

Nessa existência, de quase 40 anos, o Brasil tem passado por muitas dificuldades iguais às que estamos vivendo no presente momento. Contudo, conseguimos superar todas essas dificuldades através do trabalho, e continuaremos trabalhando porque **acreditamos que não há crise que resista ao trabalho.**